



O CUIDAR E O CURAR: AS PRÁTICAS DE BENZIMENTO DE SEU ROQUE E A PRIMEIRA INFÂNCIA NA ILHA DE SANTANA/AP

THE CARE AND THE HEALING: THE HEALING PRACTICES OF SEU ROQUE AND EARLY CHILDHOOD ON THE ISLAND OF SANTANA/AP

Juliana de Lima Melo 
Vitor Sousa Cunha Nery 

RESUMO

O estudo sobre Pedro Cardoso, conhecido como "Seu Roque", revela a importância das práticas tradicionais de cura na saúde comunitária da Ilha de Santana, Amapá. Como benzedeiro, Seu Roque não só complementa os serviços de saúde convencionais, mas também desempenha um papel vital na promoção do bem-estar e na construção de confiança entre os moradores, particularmente no cuidado das crianças na primeira infância, uma fase crítica de desenvolvimento (Thompson, 1992). Utilizando a metodologia da História Oral, que valoriza experiências frequentemente marginalizadas, a pesquisa proporciona uma narrativa mais inclusiva e rica (Thompson, 1992). Fundamentada em abordagens decoloniais e estudos subalternos, a pesquisa destaca como saberes locais, historicamente subalternizados, oferecem uma perspectiva crítica sobre a colonialidade (Dussel, 1993).

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeiro. Cuidado Infantil. Ilha de Santana. Primeira Infância.

ABSTRACT

The study on Pedro Cardoso, known as "Seu Roque," reveals the significance of traditional healing practices in the community health of Ilha de Santana, Amapá. As a healer, Seu Roque not only complements conventional health services but also plays a vital role in promoting well-being and building trust among residents, particularly in the care of children in early childhood, a critical developmental stage (Thompson, 1992). Utilizing Oral History methodology, which values frequently marginalized experiences, the research provides a more inclusive and rich narrative (Thompson, 1992). Grounded in decolonial approaches and subaltern studies, the research highlights how local knowledge, historically marginalized, offers a critical perspective on coloniality (Dussel, 1993).

KEYWORDS: Healer. Childcare. Ilha de Santana. Early Childhood.

INTRODUÇÃO

Este estudo destaca a importância de Pedro Cardoso, ou "Seu Roque", como uma figura central na promoção da saúde na Ilha de Santana. Suas práticas de benzedura não apenas refletem uma rica herança cultural, mas também evidenciam a interconexão de saberes de diferentes origens, que se fundem para atender às necessidades da comunidade.

O cenário amazônico, com sua diversidade cultural e ambiental, serve como um pano de fundo ideal para a atuação de Seu Roque. Ele representa não apenas a medicina tradicional, mas também um elo entre o conhecimento ancestral e as práticas contemporâneas de cuidado, criando um espaço onde as tradições são valorizadas e respeitadas.

As práticas de cura de Pedro Cardoso, ou "Seu Roque", realmente refletem um retrato intrigante da `pluriversidade` religiosa e cultural do Brasil. A fluidez espiritual que ele incorpora, ao unir elementos católicos com influências afro-indígenas, exemplifica o sincretismo religioso, um fenômeno que tem sido fundamental na formação das tradições religiosas brasileiras ao longo da história.

Esse sincretismo não apenas enriquece as práticas de cura, mas também destaca a resiliência das comunidades que, ao longo do tempo, adaptaram e integraram diversas crenças e práticas em resposta às suas necessidades e contextos. A fusão de diferentes tradições religiosas cria um espaço onde a espiritualidade é vivida de maneira dinâmica e multifacetada, permitindo que indivíduos como Seu Roque desempenhem papéis significativos na saúde e no bem-estar das comunidades.

A trajetória do benzedeiro originário do distrito de Rio Macaco, no Pará, ilustra perfeitamente o papel vital que essas figuras desempenham na Ilha de Santana no Amapá, especialmente no que diz respeito à saúde infantil. Seu reconhecimento pela comunidade é resultado de suas habilidades notáveis, que vão além das práticas tradicionais e se entrelaçam com a cultura local e as necessidades da população.

As contribuições desse benzedeiro são particularmente significativas em contextos em que o acesso à assistência médica é limitado. Em regiões carentes de serviços de saúde, ele se torna uma referência de cuidado e apoio, oferecendo tratamentos que, embora enraizados em tradições locais, têm um impacto real e

positivo na vida das crianças e de suas famílias. Essa atuação não só preenche lacunas deixadas pelo sistema de saúde público, mas também legitima saberes e práticas que muitas vezes são desconsiderados ou desvalorizados. O benzedeiro, em sua prática e compromisso com a comunidade, frequentemente expressa um profundo senso de responsabilidade e conexão com as pessoas ao seu redor. Ele pode afirmar algo como:

Minha maior satisfação, ao longo dos anos como morador desta ilha, é testemunhar muitas daquelas crianças que, em algum momento, chegaram a mim chorando ou à beira da doença grave, agora brincando e felizes com a graça de Deus. Os adultos que vieram até mim, muitas vezes doentes e em busca de sustento, também melhoram, a vida na Ilha não é fácil (Cardoso, Pedro, 2023)

A citação de Pedro Cardoso, ou "Seu Roque", encapsula a essência de sua missão como benzedeiro e o impacto profundo que ele tem na vida da comunidade. Suas palavras refletem não apenas a alegria de ver a recuperação das crianças e adultos, mas também ressaltam a força da esperança e da fé em momentos de dificuldades.

Ao mencionar as crianças que chegaram até ele em momentos de desespero, ele evidencia a vulnerabilidade e os desafios que muitas famílias enfrentam na Ilha de Santana. A transformação dessas crianças, de estado de dor e sofrimento para momentos de brincadeira e felicidade, é um testemunho poderoso da eficácia de suas práticas de cura e do papel que ele desempenha como figura de apoio e conforto.

Em suma, as palavras de Pedro Cardoso refletem uma profunda compreensão da condição humana e a importância do amor e da compaixão na busca pela saúde e felicidade, reafirmando o papel essencial que ele desempenha na vida da Ilha de Santana.

A frase "Eu levo meu filho ao Seu Roque pra benzer" ressoa profundamente na comunidade, evidenciando a confiança que os pais depositam em suas habilidades e o papel fundamental que ele desempenha na promoção da saúde infantil. Essa prática, comum na região ribeirinha, vai além de um simples ato de cura; é uma expressão de fé e de um modo de vida que valoriza os saberes tradicionais e a espiritualidade.

O interesse em investigar a vida e os saberes desse benzedeiro surge naturalmente da necessidade de valorizar e documentar essa riqueza cultural. O conhecimento que ele possui, que integra práticas de cura, tradições orais e uma profunda conexão espiritual, é um patrimônio que merece ser reconhecido e respeitado. Essa investigação não apenas ilumina a importância do sincretismo e das práticas de cura tradicionais, mas também contribui para a preservação da identidade cultural da região.

Ao identificar a presença e o impacto do benzedeiro na comunidade ribeirinha, a pesquisa tomou um caminho que buscava entender sua visão do mundo e contribuições para a saúde e a cultura local. Essa abordagem, inserida em um contexto mais amplo de exploração das dinâmicas educacionais e culturais na região amazônica, ofereceu uma oportunidade única de compreender e valorizar as conexões entre tradição, educação e bem-estar na vida dos habitantes da Ilha de Santana.

O benzimento, como prática cultural profundamente enraizada nas comunidades ribeirinhas, reflete a rica tapeçaria de saberes ancestrais dos povos indígenas da região amazônica. Essa tradição, que envolve pajés, benzedeiros, raizeiros e rezadores, é um testemunho da conexão íntima entre a cultura local, a natureza e a espiritualidade.

Esses praticantes são reconhecidos como guardiões de conhecimentos que foram transmitidos ao longo de gerações, e sua sabedoria abrange não apenas técnicas de cura, mas também uma compreensão profunda das interações entre os seres vivos e o meio ambiente. Os rituais de benzimento, que incluem cantos e danças, são momentos de celebração e de invocação de forças espirituais, proporcionando um espaço sagrado onde a cura pode ocorrer.

A valorização do benzimento e de suas práticas culturais não só preserva essas tradições, mas também reforça a identidade cultural das comunidades ribeirinhas. Em um mundo onde os saberes ancestrais muitas vezes são desconsiderados, reconhecer e respeitar essas práticas é essencial para a promoção de um modelo de saúde que integra conhecimento tradicional e contemporâneo, contribuindo para o fortalecimento da cultura local e para o bem-estar da população.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A escolha por uma abordagem qualitativa para investigar os saberes do benzedeiro é fundamental, pois permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais, sociais e espirituais que cercam essa figura de cura. Como destacam Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca captar os significados e as perspectivas dos indivíduos dentro de seus contextos naturais, o que é especialmente relevante em um estudo que envolve práticas tradicionais e saberes ancestrais.

A complexidade da experiência humana não pode ser totalmente capturada por métodos quantitativos, pois as nuances das relações interpessoais, as crenças e as tradições muitas vezes são melhor compreendidas através de narrativas e relatos. A abordagem qualitativa permite que os pesquisadores mergulhem nas vivências e nas histórias dos membros da comunidade, compreendendo como eles percebem e atribuem significado ao papel do benzedeiro em suas vidas.

Além disso, a pesquisa qualitativa possibilita uma análise reflexiva e interpretativa das práticas de benzimento, considerando aspectos como a espiritualidade, a identidade cultural e a interconexão entre os saberes tradicionais e as necessidades contemporâneas da comunidade. Essa abordagem é essencial para compreender não apenas o ato do benzimento em si, mas também o contexto social e cultural que o sustenta.

O foco na figura de Pedro Cardoso, ou Seu Roque, em seu estudo, é uma escolha significativa que ressalta a importância do saber popular e das práticas tradicionais na vida da comunidade da Ilha de Santana, no Amapá. Sua longa trajetória de 79 anos, marcada por uma rica experiência em benzimento, não apenas destaca sua relevância como curador, mas também enfatiza a sabedoria acumulada ao longo de décadas em um contexto cultural único.

Como um dos primeiros moradores da ilha de Santana, Seu Roque não é apenas um praticante de benzimento; ele é um elo entre o passado e o presente, preservando e transmitindo saberes ancestrais que, de outra forma, poderiam se perder. Sua presença representa uma continuidade das tradições indígenas e ribeirinhas, que são fundamentais para a identidade cultural da região. A relação

de carinho e respeito que a comunidade nutre por ele é um reflexo da importância de suas contribuições para a saúde e o bem-estar coletivo.

A análise de sua trajetória permite explorar como um sujeito subalterno, frequentemente marginalizado em narrativas históricas mais amplas, se ergue como um pilar de resistência e cura em sua comunidade. O saber popular de Seu Roque, que integra conhecimento sobre plantas medicinais, rituais e práticas espirituais, se torna uma forma de resistência cultural em um mundo que muitas vezes valoriza apenas os saberes acadêmicos e científicos.

Este estudo não só ilumina a vida de Seu Roque, mas também contribui para uma maior valorização das práticas tradicionais e dos conhecimentos locais. Ao reconhecer sua importância, a pesquisa promove um diálogo necessário sobre a saúde, a cultura e a espiritualidade, evidenciando como esses elementos estão entrelaçados na vida das comunidades ribeirinhas.

Colocar Seu Roque no centro da análise abre um espaço crucial para refletir sobre a importância de respeitar e integrar saberes tradicionais nas abordagens contemporâneas da Educação. Isso é especialmente relevante em contextos onde as práticas culturais e de cura, como o benzimento, são parte integrante da vida cotidiana das comunidades ribeirinhas.

A educação, em sua essência, deve ser um espaço de diálogo e troca de saberes. Ao incorporar a sabedoria de figuras como Seu Roque, as instituições educacionais podem enriquecer o currículo, promovendo uma aprendizagem significativa que valorize a cultura local e os conhecimentos ancestrais. Essa abordagem não apenas respeita a história e as tradições das comunidades, mas também ajuda os estudantes a desenvolverem um senso de identidade e pertencimento.

A escolha da "História Oral" como metodologia para a pesquisa é, de fato, bastante pertinente, especialmente ao abordar a figura do benzedeiro e suas práticas culturais. Essa abordagem permite que se explorem as experiências e saberes de indivíduos que desempenham papéis significativos dentro de suas comunidades, oferecendo uma perspectiva rica e multifacetada sobre a cultura local.

A História Oral se destaca por sua capacidade de captar não apenas os eventos e práticas, mas também as emoções, percepções e significados que os

sujeitos atribuem a essas experiências (Thompson, 1992). Ao ouvir as narrativas do benzedeiro, a pesquisa consegue desvendar as relações sociais, as crenças e os valores que permeiam o ato do benzimento, bem como suas implicações para a saúde e o bem-estar da comunidade. Essas narrativas são fontes valiosas de conhecimento que trazem à tona as tradições e as práticas que, muitas vezes, estão à margem das histórias contadas nas fontes acadêmicas e oficiais.

Além disso, ao centrar a pesquisa na voz do benzedeiro, a metodologia da História Oral valoriza a subjetividade e a individualidade, permitindo que o saber popular seja reconhecido e respeitado. Isso é fundamental para construir uma compreensão mais inclusiva das práticas culturais, que muitas vezes são invisibilizadas em narrativas dominantes.

Por meio da coleta e análise dessas histórias de vida, a pesquisa não apenas documenta saberes e experiências, mas também contribui para a preservação da memória coletiva da comunidade. A História Oral se torna um meio de resgatar e valorizar identidades culturais, promovendo um senso de pertencimento e continuidade entre as gerações.

A valorização das memórias e das práticas ancestrais, conforme defendido por Hampaté Bá (2010), é essencial para construir sociedades que reconheçam a importância de suas histórias e culturas. Essa integração é um passo fundamental para uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e que prepare as novas gerações para enfrentar os desafios contemporâneos, mantendo-se conectadas com suas raízes e identidades.

Os estudos sobre benzimento e as práticas de cura de Seu Roque, fundamentados em abordagens subalternas e decoloniais, oferecem uma perspectiva crítica e enriquecedora para compreender a complexidade dessas tradições. Essas correntes teóricas desafiam as narrativas hegemônicas e promovem a valorização dos saberes e práticas que emergem de comunidades marginalizadas.

A teoria subalterna, de maneira particular, dirige seu enfoque à voz e à experiência de grupos que, ao longo da história, foram sistematicamente silenciados ou marginalizados das narrativas hegemônicas (Spivak, 2014; Guha, 2002; Chakrabarty, 1992). Ao aplicar essa perspectiva ao estudo do benzimento,

a pesquisa não apenas reconhece o papel central de Seu Roque como agente cultural, mas também busca entender as dinâmicas sociais, culturais e históricas que moldam sua prática. Isso implica uma desconstrução das visões ocidentais sobre a saúde e a medicina, valorizando abordagens tradicionais que muitas vezes são desconsideradas ou deslegitimadas.

Por outro lado, as perspectivas decoloniais vão além da crítica ao colonialismo; elas propõem uma reavaliação dos sistemas de conhecimento e das hierarquias que os sustentam (Dussel, 2003), (Mignollo, 2014), (Quijano, 2010). Nesse contexto, o benzimento é visto não apenas como uma prática de cura, mas como um sistema de conhecimento que possui sua própria lógica e validade. Ao integrar esses saberes na discussão sobre saúde e bem-estar, a pesquisa contribui para uma visão mais plural e inclusiva, que reconhece a diversidade das práticas de cura e suas interconexões com a identidade cultural.

Essas abordagens teóricas também abrem espaço para um diálogo mais amplo entre diferentes saberes, permitindo a construção de um entendimento mais rico sobre a relação entre educação, saúde, cultura e comunidade. Ao fundamentar o estudo em teorias subalternas e decoloniais, a pesquisa sobre o benzimento de Seu Roque não apenas valoriza as práticas tradicionais, mas também desafia as narrativas hegemônicas que muitas vezes tentam deslegitimar esses saberes.

Respeitando às normas éticas em pesquisas que envolvem participantes humanos é fundamental, especialmente quando se trata de indivíduos como o benzedeiro, cuja idade avançada e limitações visuais podem demandar cuidados adicionais. A solicitação de autorização ao benzedeiro e a atuação de sua filha, Maristela Nunes Cardoso, como intermediária, são passos cruciais para garantir que o participante esteja plenamente informado sobre a pesquisa e que sua dignidade seja respeitada.

A aprovação da família para a continuidade da pesquisa e o uso dos relatos reforçam a importância de um processo ético que considera não apenas o bem-estar do participante, mas também a sua representação e voz dentro do estudo. Isso é especialmente relevante em contextos em que saberes tradicionais e práticas culturais podem ser frequentemente marginalizados ou mal interpretados.

A comunicação clara sobre a natureza do estudo, realizada pela intermediária, é essencial para assegurar que a família compreenda os objetivos da pesquisa, bem como o contexto em que os relatos serão utilizados. Essa abordagem não apenas fortalece a transparência, mas também promove a confiança entre os pesquisadores e a comunidade, criando um ambiente que valoriza o consentimento informado.

Além disso, a ênfase no respeito à dignidade do participante é um princípio ético central que deve pautar toda a pesquisa. Isso inclui não apenas a consideração das condições pessoais e limitações do benzedeiro, mas também a valorização de sua experiência e saberes, reconhecendo-o como um agente ativo na construção do conhecimento.

1 PRÁTICAS DE BENZIMENTO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: UM RETRATO DE SEU ROQUE NA ILHA DE SANTANA - AP

A Amazônia, como a maior floresta tropical do mundo, é de fato um vasto repositório de biodiversidade e um espaço rico em história cultural, especialmente entre os povos ribeirinhos que habitam suas margens. Esses grupos, que desenvolvem práticas de subsistência sustentáveis, possuem um conhecimento profundo sobre o ambiente natural, que é frequentemente ignorado ou subestimado em favor de uma perspectiva eurocêntrica que historicamente dominou as narrativas sobre a região.

No contexto do Amapá, a Ilha de Santana se destaca como um exemplo notável dessa rica herança cultural. Com cerca de 2.689 habitantes, a ilha não apenas abriga uma diversidade de espécies naturais, mas também é um espaço onde práticas tradicionais de pesca e agricultura são mantidas e valorizadas. Essas práticas não são apenas formas de sustento; elas carregam significados culturais profundos e são transmitidas através de gerações, refletindo a relação íntima entre os ribeirinhos e o ambiente em que vivem.

Figura 1: Mapa da Ilha de Santana/AP



Fonte: Google Maps (2023)

Ao trazer à tona as histórias e experiências dos povos ribeirinhos, como os da Ilha de Santana, é possível desafiar a narrativa colonial que frequentemente marginaliza esses saberes e práticas. Isso não apenas enriquece o entendimento da biodiversidade amazônica, mas também ressalta a importância da cultura local na preservação e no manejo sustentável dos recursos naturais da região.

O acesso à Ilha de Santana, com seu cenário bucólico e sereno, proporciona uma imersão na simplicidade da vida de seus habitantes, que se caracteriza por uma harmonia com o ambiente natural. As interações de campo com os catraieiros, que são os pescadores e agricultores locais, revelam não apenas suas histórias pessoais, mas também a riqueza cultural que compõe a identidade da comunidade.

Assim, a Ilha de Santana se revela não apenas como um espaço físico, mas como um repositório vivo de cultura e saberes, onde a simplicidade da vida cotidiana é entrelaçada com uma rica herança cultural. A presença do benzedeiro e as interações com os catraieiros ilustram a vitalidade desses conhecimentos ancestrais, essenciais para a identidade da comunidade e para a preservação da biodiversidade local. Essa conexão entre passado e presente, entre natureza e cultura, é o que torna a Ilha de Santana um lugar único e significativo.

A figura do benzedeiro local, como guardião dos saberes ancestrais, emerge como um símbolo poderoso dessa conexão com a natureza e a cultura. O benzedeiro não é apenas um praticante de rituais de cura; ele representa a continuidade de práticas espirituais e de cura que têm profundas raízes na

história da ilha. Seu papel é fundamental para a preservação das tradições, pois ele transmite conhecimentos que vão além das práticas de benzimento, incorporando elementos de espiritualidade, medicina tradicional e sabedoria sobre o ambiente.

Figura 2: Pedro Roque: Benzedeiro da Ilha de Santana/AP



Fonte: Arquivos de pesquisa registrado pelos autores (2022).

A trajetória de Seu Roque e das comunidades ribeirinhas é um poderoso testemunho da resiliência humana frente às adversidades históricas. Essas comunidades, frequentemente marginalizadas e subestimadas, têm enfrentado desafios significativos ao longo do tempo, incluindo a exploração de seus recursos naturais, a imposição de culturas externas e a luta pela preservação de suas tradições. A resistência e a adaptação que caracterizam a vida de Seu Roque e de seus semelhantes são reflexos de uma força coletiva que busca não apenas sobreviver, mas também prosperar em meio a essas dificuldades.

Nesse contexto, a relevância da descolonização se torna ainda mais evidente. A descolonização, entendida como um processo de libertação das estruturas de poder e conhecimento impostas por narrativas coloniais, é essencial para que as comunidades ribeirinhas reivindiquem e valorizem suas

próprias histórias, práticas e saberes. Ao recuperar e reafirmar sua identidade cultural, essas comunidades não apenas desafiam as visões eurocêntricas que historicamente as silenciaram, mas também promovem um diálogo mais equitativo e respeitoso com o mundo contemporâneo.

O papel de Seu Roque, como benzedeiro e guardião dos saberes ancestrais, exemplifica essa luta pela valorização do conhecimento tradicional. Sua prática não é apenas uma forma de cura, mas também um ato de resistência cultural, que se fundamenta na sabedoria acumulada ao longo de gerações. Por meio de suas ações, ele contribui para a preservação da identidade ribeirinha e para a construção de um sentido de pertencimento e comunidade.

A educação, ao se alinhar a outras formas de produzir e adquirir conhecimento, deve realmente desafiar os paradigmas históricos e sociais que foram impostos ao longo do tempo. Essa abordagem crítica é essencial para criar um ambiente educacional mais inclusivo e representativo, que valorize a diversidade de saberes e experiências. A citação de Oliveira (2021, p. 27), que destaca a importância de "libertar posturas e libertar pensamentos," reflete a necessidade de um movimento de descolonização no campo educacional.

Descolonizar a educação implica reconhecer e respeitar a alteridade — a diversidade de perspectivas e experiências que existem além das narrativas dominantes. Isso significa integrar conhecimentos tradicionais, como os dos povos ribeirinhos e de outras comunidades marginalizadas, no currículo educacional. Ao fazer isso, a educação se torna um espaço onde diferentes vozes são ouvidas e valorizadas, promovendo um diálogo mais rico e multifacetado.

Incorporar esses saberes de benzedeiros locais na educação ribeirinha é uma estratégia poderosa para fortalecer a identidade cultural das comunidades. Ao integrar práticas e conhecimentos locais no currículo escolar, os educadores ajudam a valorizar a sabedoria tradicional, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho nas novas gerações. Essa valorização não apenas resgata a história e a cultura local, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde diferentes formas de conhecimento são respeitadas e reconhecidas.

Além disso, essa abordagem educacional pode incentivar o diálogo intercultural, permitindo que os estudantes compreendam e apreciem a diversidade de saberes existentes. A educação que respeita e incorpora a cosmovisão ribeirinha promove uma formação mais crítica e consciente, preparando os jovens para serem agentes de mudança em suas comunidades.

O benzimento praticado por Seu Roque é, de fato, uma expressão rica e multifacetada das tradições ribeirinhas, que entrelaça rituais, conhecimentos culturais, espirituais e terapêuticos. Essa prática não se restringe a um simples ato de cura; é uma manifestação profunda de uma cosmovisão que reconhece a interdependência entre o ser humano, a natureza e o universo espiritual.

A conexão de Seu Roque com a comunidade também é um aspecto importante de sua prática. O benzimento muitas vezes ocorre em um contexto comunitário, onde o ato de curar se torna um momento de união e suporte mútuo. Essa dimensão social do benzimento reforça laços comunitários e promove um ambiente onde o cuidado e a solidariedade são valorizados.

A combinação de elementos tradicionais e espiritualidade nas práticas de benzimento, como exemplificado por Seu Roque, desempenha um papel crucial na preservação cultural e na promoção da cura nas comunidades ribeirinhas. Conforme apontado por Brandão (2006), essas práticas não são apenas formas de tratamento, mas também rituais que carregam significados profundos, refletindo a identidade e as crenças coletivas de um povo.

A imortalidade do saber humano, de fato, é preservada por meio da transmissão oral e da prática cotidiana, como ilustrado pela trajetória de vida de Seu Roque. Seu papel como benzedeiro não apenas exemplifica a educação informal, mas também destaca uma forma dinâmica e interativa de aprendizado que vai além das paredes da sala de aula. Essa educação se fundamenta na experiência direta e nas relações interpessoais, onde o conhecimento é repassado de forma orgânica e contextualizada.

Cada palavra e gesto de Seu Roque durante os rituais de benzimento carrega significados profundos, imbuídos de emoção e espiritualidade. Esses elementos não apenas refletem a sabedoria acumulada ao longo de gerações, mas também estabelecem uma conexão vital com o conhecimento ancestral que molda a identidade cultural da comunidade. A prática cotidiana do benzimento

torna-se, assim, um meio de reafirmar valores, tradições e cosmovisões que são essenciais para a vida comunitária.

A transmissão oral, como um método de ensino, é fundamental nesse contexto, pois permite que histórias, ensinamentos e práticas sejam compartilhados de forma viva e envolvente. Isso cria um ambiente em que a aprendizagem se dá de maneira contínua e adaptativa, respondendo às necessidades e desafios do presente enquanto honra o passado. A interação entre os membros da comunidade, especialmente entre as gerações mais velhas e mais jovens, é crucial para manter essa sabedoria viva e relevante.

Além disso, a valorização do conhecimento tradicional e das práticas informais de aprendizado, como as que Seu Roque representa, é essencial para a resistência cultural e a promoção da identidade local. Em um mundo que frequentemente busca padronizar e homogeneizar saberes, a preservação dessas práticas se torna um ato de afirmação e resistência, promovendo a diversidade cultural e a riqueza das experiências humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou explorar o saber popular do benzedeiro na Ilha de Santana sob uma perspectiva decolonial, destacando a importância de valorizar os conhecimentos muitas vezes marginalizados na região amazônica. A figura de Pedro Cardoso, conhecido como "Seu Roque", emerge como central para a saúde e o bem-estar da comunidade, oferecendo uma visão singular da infância que transcende concepções superficiais. Suas práticas de benzimento não se limitam à cura física; elas fortalecem laços culturais, proporcionando suporte emocional e espiritual, refletindo a rica diversidade da cultura amazônica.

As práticas de Seu Roque ilustram a relevância dos saberes populares na promoção da saúde e da identidade cultural, ressaltando a necessidade de reconhecer e celebrar essa diversidade. O estudo enfatiza que valorizar o conhecimento popular e promover pedagogias inclusivas são passos essenciais para construir uma sociedade justa e igualitária, onde vozes e perspectivas respeitadas possam coexistir. Os saberes que Seu Roque representa são cruciais

para a preservação da identidade cultural, oferecendo uma visão de mundo que valoriza a conexão com a natureza, a espiritualidade e a história comunitária.

Além disso, a trajetória de Seu Roque destaca a prática do benzimento como um ato de resistência e afirmação cultural, especialmente em um contexto onde culturas tradicionais enfrentam ameaças de desvalorização. É vital que as futuras gerações reconheçam esses saberes não apenas como parte de sua herança cultural, mas também como recursos valiosos para enfrentar os desafios contemporâneos. A promoção da educação sobre saberes populares, aliada à sua inclusão em políticas de saúde e educação, é essencial para assegurar que esses legados sejam respeitados e transmitidos.

A passagem de Seu Roque em janeiro de 2024, após seu 79º aniversário, não representa apenas a perda de um indivíduo, mas a continuidade de um legado que reverbera nas memórias e no impacto que ele deixou na comunidade. Seu entusiasmo em compartilhar conhecimentos e sua interação calorosa são testemunhos do valor de seu trabalho e do papel significativo que desempenhou na vida dos ribeirinhos. Sua influência continua a inspirar a valorização e a preservação dos tesouros culturais da região.

Finalmente, a ênfase na promoção de pedagogias inclusivas e respeitadas é crucial para garantir que esses saberes não apenas sejam preservados, mas também integrados à educação formal. A criação de espaços onde as vozes dos benzedeiros e das comunidades ribeirinhas sejam ouvidas enriquecerá o aprendizado, promovendo uma compreensão mais ampla e diversificada do conhecimento. Assim, fortalecer a identidade cultural e a resiliência das comunidades torna-se um imperativo que beneficia não apenas as populações locais, mas também a sociedade como um todo, ao fomentar um diálogo intercultural onde diferentes formas de conhecimento podem coexistir e se complementar.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CHAKRABARTY, Dipesh. Postcoloniality and the artifice of history: who speaks for 'Indian' pasts? *Representations*, n. 37, p. 1-26. **Special Issue: Imperial Fantasies and Postcolonial Histories**. University of California Press, 1992.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERREIRA, Sérgio Baetta. **As cirurgias espirituais no contexto espírita paulista e a edificação hospitalar do Instituto Medicina do Além**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13281>.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

GUHA, Ranajit. **History at the limit of World-History**. New York: Columbia University Press, 2002.

GUIMARAES, Ananias Facundes et al. Acesso a serviços de saúde por ribeirinhos de um município no interior do estado do Amazonas, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saúde**, [S.l.], v. 11, 2020. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232020000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2023. Epub 21-Maio-2020.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

Sobre os autores

Juliana de Lima Melo

Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amapá - UEAP

Contato: julianallnsmelo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6180-3935>

Vitor Sousa Cunha Nery

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará - UFPA

Professor da Universidade do Estado do Amapá - UEAP

Contato: vitor.nery@ueap.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1309-6094>

Artigo recebido em: 23 de setembro de 2024.

Artigo aceito em: 10 de dezembro de 2024.